

Segregação Cultural nas Imprensas Gospel e Secular: Representações da Religiosidade de Baby do Brasil¹

Isabella PICHIGUELLI²
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

RESUMO

A proposta deste trabalho é compreender de que modo imprensas, tanto especializadas no nicho evangélico (gospel) quanto não pautadas por uma religião (secular), abordam a religiosidade expressa midiaticamente por Baby do Brasil desde que voltou a interpretar música popular brasileira. Para tanto, faz-se uso da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), com apoio teórico em Cunha (2017, 2004), que versa sobre a cultura gospel; em Sodré (2009) e Silva (2013), que entendem as narrativas jornalísticas como mediações dos fenômenos do mundo concreto; e em Eliade (1992) e Boff (2000), que discutem as relações entre sagrado e profano, entre outros. Como principal resultado, aponta-se para a predominância de construções simbólicas que sinalizam uma segregação entre cultura evangélica e cultura secular, considerada como indício do que ocorre nos demais campos da esfera pública.

PALAVRAS-CHAVE: Gospel e Secular; Baby do Brasil; Representações Midiáticas; Narrativas Jornalísticas; Comunicação e Religião.

ENTRE O GOSPEL E O SECULAR: CENÁRIOS E INQUIETAÇÕES

As reflexões e considerações que aqui terão lugar possuem origem nas indagações e discussões que foram engendradas e tomaram corpo durante a passagem pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, que envolveu participação nos encontros do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas – NAMI e elaboração de dissertação de Mestrado.

Os questionamentos desta pesquisa têm gênese na observação dos movimentos midiáticos protagonizados pela cantora Baby do Brasil, especificamente os realizados desde 2012, quando estreou a turnê Baby Sucessos e passou a mesclar linguagens e condutas da cultura gospel a ambientes e práticas não religiosas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Pesquisadora do NAMI – Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas, da Universidade de Sorocaba. E-mail: isabellareisps@gmail.com.

A partir de então, a artista – que já foi conhecida como Baby Consuelo, ao integrar nos anos 1970 o grupo de samba-rock Novos Baianos e depois seguir carreira solo – apresenta em shows seu repertório de música popular brasileira, mas as entremeia com expressões e ações características da cultura e da música gospel, uma vez que, desde o início dos anos 2000, professa a fé evangélica, tendo inclusive pastoreado uma igreja de vertente pentecostal no Rio de Janeiro (ANDRADE, 2012) e lançado dois álbuns somente com canções de teor religioso, ou seja, CDs gospel, nomeados *Exclusivo para Deus* (2000) e *Guerreiros do Apocalipse* (2011).

A cultura gospel, de acordo com Cunha (2017; 2004), se desenvolveu de maneira oposta e afastada da chamada cultura secular, que abarca toda e qualquer manifestação cultural que não possui caráter religioso protestante, ou seja, evangélico.

Essa separação atua centralmente na construção midiática de uma identidade própria dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade – apesar da pluralidade de igrejas denominadas evangélicas, com diferentes liturgias e interpretações de textos sagrados –, instituídos como nicho de mercado para o qual se destinam produtos e serviços específicos e, além disso, como um grupo atuante e crescente nos diversos campos da esfera pública, a exemplo da política partidária do país e dos espaços de mídia tradicionais ou digitais – estes últimos, nos quais é possível perceber com maior nitidez a diversidade de vertentes evangélicas que existem (CUNHA, 2017).

No caso da cantora Baby do Brasil, especialmente a partir de 2012, através da turnê Baby Sucessos, essa separação entre cultura gospel e cultura secular não existe. Na costura entre aspectos entendidos como sagrados e outros como profanos, a artista lança mão de estratégias comunicacionais, a exemplo do uso do humor – entendido como dispositivo dialógico (BAKHTIN, 1997)³ –, para falar a respeito de sua fé a públicos não religiosos, seja nos palcos ou em entrevistas a veículos midiáticos, quando, por exemplo, dá risadas nestes momentos; empresta de uma narrativa transmidiática a palavra *Matrix*; ou cria neologismos como o termo *Popstora* (fusão de Pop com Pastora) para classificar sua própria religiosidade (PICHIGUELLI, 2017).

De forma amalgamada, a cantora transita entre o gospel e o secular de modo a não separá-los, mas fundi-los. Como se pode observar em seus shows (ROCK, 2015;

3 O princípio da dialogia, segundo Bakhtin (1997), revela que cada enunciado “está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto” (p. 320), ou seja, “o índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário” (idem).

BRASIL, 2017), Baby do Brasil dança, rebola, movimentada-se corporalmente ora expressando sensualidade, ora em gestualidades que remetem à oração, altera letras de canções como em Menino do Rio, ao trocar “dragão tatuado no braço” por “Jesus forever tatuado no braço”, fala sobre sua fé, grita “Glória a Deus! Aleluia!”, ao passo que canta, também em Menino do Rio: “coração de eterno flerte, adoro ver-te / menino vadio, tensão flutuante do rio...”, entre outros exemplos que poderiam ser descritos.

Diante deste quadro, em que sagrado e profano se misturam – ainda mais quando este sagrado advém da cultura gospel, fazendo-se hibridar junto à cultura secular –, é que surge a inquietação para esta pesquisa, pois tais cruzamentos culturais podem ser reconhecidos como desvios nos padrões admitidos como vigentes em nossas dinâmicas sociais, culturais e, conseqüentemente, políticas.

Nessa direção, as atenções se voltam às mediações do que possui caráter religioso nas mídias – no caso deste trabalho, no jornalismo –, pois é viável apreender, dos processos de produção que o envolvem, representações e significações que podem revelar aspectos basilares de nossas tessituras socioculturais (CUNHA, 2016).

Assim, a instigação por partir das mídiatizações de Baby do Brasil, de sua religiosidade mídiatizada, deve-se à possibilidade de investigar, com respeito ao trânsito entre os aspectos da cultura evangélica e da cultura irreligiosa, possíveis alterações quanto às construções simbólicas que se fazem predominantes na sociedade brasileira, uma vez que a constante cobertura jornalística sobre a cantora, por sua condição de celebridade – e em imprensas de ambas as culturas, gospel e secular –, permite uma observação ampliada das representações articuladas em narrativas jornalísticas sobre um fenômeno que, tal qual qualquer outro, não ocorre de forma isolada, mas pode se manifestar em distintos lugares e grupos de pessoas.

ENTRELINHAS DE BABY DO BRASIL: O SAGRADO-PROFANO

A proposta deste trabalho é, portanto, compreender de que modo a religiosidade manifestada por Baby do Brasil ao mesclar linguagens e práticas do gospel a ambientes e vivências da cultura secular é percebida por imprensas destes dois segmentos.

Para tanto, a fim de dispor de chaves de leitura para averiguar as representações das imprensas gospel e secular sobre essa religiosidade de Baby do Brasil, é necessário antes olhar para o fenômeno em perspectiva compreensiva (MARTINO, 2014), que não

se direciona ao julgamento, tampouco à aceitação completa e ingênua, mas procura a percepção da complexidade, capaz de admitir o incoerente e o ilógico, inescapáveis a todo humano, de modo que se possa enxergar o que ocorre em seus elementos constitutivos, para além de seus aspectos objetivos.

Em análise primeira (PICHIGUELLI; SILVA, 2017a) dos aspectos culturais e comunicacionais, e logo, constitutivos, presentes nas narrativas tecidas por Baby do Brasil em seus shows e nas entrevistas que concede, compreende-se que a própria cantora pode ser considerada, enquanto personagem que é em todas as ações que realiza nos âmbitos das mídias, uma narrativa midiática (SILVA; SANTOS, 2015), pois à medida que contribuem para a produção da cultura – com “um importante papel de mediação” ao poderem “organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta” (p. 1) –, as narrativas também são produções culturais.

Baby do Brasil é, assim, um texto da cultura (LOTMAN; USPENSKII, 1981), uma vez que “a própria existência da cultura pressupõe a construção dum sistema de regras para a tradução da experiência imediata em texto” (p. 41). Essa configuração torna possível analisar Baby do Brasil, enquanto narrativa midiática, a partir de suas vinculações com outros textos culturais ao entorno e com seus subtextos, ou seja, aqueles que a compõem, afinal, cada texto da cultura se organiza através de associações constantes na esfera interna de seus próprios níveis e também entre os níveis de demais textos culturais (LOTMAN, 1978).

De forma interna ou externa, e de modo mais próximo ou distante nestas associações, despontam como essenciais para compreender Baby do Brasil como narrativa, em seu trânsito entre a cultura gospel e a cultura secular:

- a) linguagem artística da antropofagia (ANDRADE, 1976)⁴, possibilitadora de mesclas entre elementos culturais distintos e até mesmo antagonicos – como são vistas as culturas gospel e secular –, existente desde o início da carreira da artista, quando integrava nos anos 1970 o grupo musical Novos Baianos, que tinha como marca a mistura do samba com o rock, do metal com o pandeiro;

4 Maneira de trabalhar a linguagem pela via do artístico, por meio de uma devoração crítica – e, também, autocrítica – do dissemelhante e do remoto, a antropofagia opera na combinação de textos distantes culturalmente, promovendo a mestiçagem, através da qual se criam novos elementos culturais, com atuação elementar do humor (SILVA, 2007) neste processo, que pode ser considerado comunicacional e ser relacionado à definição de Bakhtin (1987) de carnavalização – que também conta com participação central do humor e segue a lógica da mistura de elementos avessos – e, ainda, ao conceito de Bakhtin (1997) de dialogismo, que, conforme afirmado no início deste artigo, ensina que todo enunciado é construído voltado não só ao que pretende comunicar, mas é urdido considerando o público com o qual se interage.

-
- b) experiências de espiritualidade presentes em toda a vida de Baby do Brasil – luta contra o diabo, leitura da Bíblia, tentativa de viver como Jesus, busca por milagres e por manifestações divinas – algumas relatadas ou midiaticizadas pela artista mesmo antes de declarar sua conversão à fé evangélica pentecostal, com as quais todas essas se relacionam;
 - c) presença de um vocabulário, nas canções do repertório secular de Baby do Brasil, que possui semelhanças com o vocabulário usado em músicas brasileiras alinhadas ao mercado gospel;
 - d) elementos de fé e de espiritualidade que podem ser identificados em diversas canções da música popular e da música secular, em geral, no Brasil, a exemplo de Anunciação, de Alceu Valença, ou Se Eu Quiser Falar com Deus, de Gilberto Gil, entre tantas outras;
 - e) movimentos de grupos musicais formados por evangélicos de distintas igrejas nos anos 1970, antes da explosão da cultura gospel no Brasil nos anos 1990, que buscavam dialogar com as canções seculares em seus processos de composição, a exemplo do grupo Vencedores por Cristo;
 - f) artistas evangélicos que, na contemporaneidade, rejeitam o selo gospel, em busca de maior liberdade nas explorações musicais e temáticas, a exemplo de Marcos Almeida, Lorena Chaves, João Alexandre, Paulo Nazareth, entre outros.

Em todos estes textos e subtítulos culturais que se relacionam com a narrativa midiática “Baby do Brasil”, o que se vê são diálogos, costuras que colocam elementos considerados sagrados ou profanos não em distanciamentos, mas em aproximações. Tais interações indicam que, ao contrário do que sinalizam possíveis estranhamentos, imanência e transcendência “não são aspectos inteiramente distintos, mas dimensões de uma única realidade” (BOFF, 2000, p. 6-7). Ainda que diferentes, a vivência do ordinário ou do sacro partem do mesmo lugar, a saber, do cotidiano, do corriqueiro (PICHIGUELLI; SILVA, 2017b), como é o caso do que acontece no espaço do palco, em shows, pois este abarca simultaneamente o não religioso e o sagrado, por acolher momentos ritualísticos, nos quais significados são reavivados, renovados, e ser possível experimentar um tempo fora do tempo, portanto, transcendente (ELÍADE, 1992).

Neste espaço ambivalente do palco – uma vez que abrange tanto o sagrado quanto o profano –, Baby do Brasil transita entre os elementos da cultura gospel, que podem remeter à sacralidade, e os aspectos da cultura secular, que aludem ao irreligioso.

Neste trânsito entre culturas, os movimentos para a imanência e para a transcendência se confundem, embaralham-se. Dessa maneira, a dicotomia gospel/secular desaparece, junto ao indicador de oposição, ilustrado pela barra, que é substituído pelo que se faz surgir novo: nem gospel, nem secular, mas gospel-secular.

Imagem 1: Baby do Brasil em três momentos diferentes de sua carreira, da esquerda para a direita: secular; gospel; e gospel-secular, quando mescla as duas culturas.



Fonte: Elaboração própria a partir de Fotos de divulgação.

IMPENSAS GOSPEL E SECULAR: LIMITES E ENTRAVES

Nas representações jornalísticas a respeito desses movimentos de Baby do Brasil, entretanto, as divisões entre cultura gospel e cultura secular voltam a ter lugar.

As narrativas jornalísticas, assim como toda narrativa, são formas de mediação dos fenômenos sociais. Através delas, intercambiam-se vivências do dia-a-dia, entrelaçadas em “uma partilha discursiva das possibilidades de compreensão” (SODRÉ, 2009, p. 181), de forma a explicitar, criticar e até mesmo transformar aquilo que é experimentado, uma vez que possuem a habilidade não só de reproduzir o cotidiano, mas “de dar-lhe novos sentidos e de inserir-lhe novas práticas” (SILVA, 2013, p. 10).

A construção da realidade, tal qual traduzida por esses veículos de comunicação, não ocorre de forma natural, tampouco se compõe em isolamento ou é imposta de maneira linear, mas é concebida de modo histórico e social, dialogando constantemente com atores sociais externos ao campo jornalístico, a exemplo de instituições religiosas e de ensino, produtoras que são de significados e conhecimentos (MEDITSCH, 2010). Por meio das produções jornalísticas, portanto, é possível investigar que pensamentos

predominam socialmente em dado período de tempo, à medida que o jornalismo repete sistematicamente certos assuntos, ângulos e significações e assim se institui, ele próprio, um acontecimento, ou em outras palavras, “um registro dos valores hegemônicos de uma sociedade em uma época” (BENETTI, 2010, p. 162).

Nesse sentido, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), identificamos preponderantemente a não assimilação do sagrado-profano, amalgamado, entrecruzado. Em 91 matérias analisadas⁵ (publicadas nos portais de notícia www.folha.uol.com.br, www.rollingstone.uol.com.br, www.musica.uol.com.br, www.oglobo.globo.com, www.gospelmais.com.br e www.gospelprime.com.br)⁶, observamos que, apesar de diferenças nas representações de imprensas especializadas no universo gospel e de imprensas seculares, a lembrar, as que não são pautadas oficialmente por uma religião, o comum ainda se encontra na cisão, na compartimentação entre sagrado e profano.

Com atenção voltada, na leitura dos textos selecionados: à fase da carreira de Baby do Brasil no momento da publicação; ao gênero jornalístico empregado; ao contexto que gerou a matéria; ao tema principal, colocado em evidência dentro do texto; aos valores-notícia que geraram e organizaram a publicação; ao modo como as culturas gospel e secular foram percebidas e tratadas nas matérias e ao modo como as narrativas de Baby do Brasil foram representadas nos textos; uma diversidade de abordagens foi revelada⁷, porém, na exploração dos conteúdos, as significações em maioria se nivelam.

Escolhemos apresentar, por ora, no intuito de exemplificar o quanto exposto, duas das 91 matérias que compuseram nosso corpus de pesquisa.

A primeira foi veiculada no portal de notícias Música.Uol, que faz parte da imprensa secular. Classificado no gênero jornalístico da Reportagem, que oferece um

5 Em razão das possibilidades de cotejos, as publicações analisadas foram selecionadas através de busca guiada pelos seguintes critérios de recorte:

a) matérias veiculadas de 11/2005 a 10/2012, período de tempo em que Baby do Brasil encontrava-se dedicada em maior tempo à música e cultura gospel, ao qual denominamos de Fase Gospel da carreira da cantora;

b) matérias veiculadas de 11/2012 a 10/2015, período de tempo que marca a volta de Baby do Brasil aos palcos seculares – a partir do início da turnê Baby Sucessos, que encontra ápice na participação no festival de música Rock in Rio, ocorrido em setembro de 2015 – ao qual denominamos de Fase Gospel-Secular da carreira da artista.

6 Foram excluídas as matérias em que Baby do Brasil é apenas citada, sem qualquer contextualização, como em listas de divulgação de shows; ou aquelas em que não há uma representação propriamente dita da cantora no texto jornalístico, que relata somente, por exemplo, que Baby do Brasil subiu ao palco para cantar determinada música em show de outro artista;

7 Foram adicionados como índices de referência, à medida que os textos eram lidos: Conflito Gospel x Secular e Presença do Gospel no Secular (por entender que matérias tratavam os dois temas como diferentes e com distintas nuances de percepção); e ainda: Humor (na forma de escrita do texto ou percebido como característica de Baby do Brasil); e Temas Polêmicos (em razão da incidência de assuntos como sexualidade ou drogas em algumas matérias).

espaço maior para os desdobramentos dos assuntos abordados⁸, e elaborado pelo contexto de repercussão de show, o texto tem como título: “Aos 60, Baby do Brasil ressurgiu e afirma: ‘Estou de volta, totalmente matrix’”.

Imagem 2: Trecho de reportagem, assinada por Fabíola Ortiz, no portal Musica.Uol

Mostrando agilidade e muita descontração no palco, Baby brincou com o público ao dizer: “Quando eu recebi o convite do Pedro, ele falou: ‘Mãe, você acha que Deus vai deixar você tocar comigo? Então aperte os cintos’. Eu disse que não sabia que Deus era muito louco. É um prazer maravilhoso estar com vocês e com o menino responsável por essa loucura”.

O momento de maior emoção foi quando Caetano dividiu o palco com Baby para cantar “Menino do Rio” e “Farol da Barra”. “Quando eu fiz 60, você fez 70. Quanto eu tinha 17, você tinha 27. É uma coisa louca, não é? Canto para Deus proteger-te. É o sobrenatural, não é mesmo?”, falou Baby. Mesmo as expressões de Deus que, em muitos momentos, permearam o show, o público não se importou nem um pouco e aplaudia quando Baby lançava suas reflexões.



Fonte: ORTIZ, 2012.

A partir dos índices de referências que se estabeleceram durante a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), entendemos que os valores-notícia⁹ que guiaram a produção desta reportagem foram os fatores do Inusitado, da Música e das Celebidades, sendo que o tema principal do texto foi a Produção Musical realizada por Baby do Brasil. Notada como em local inadequado, a presença do gospel no show secular foi relatada de modo a indicar que o público poderia se incomodar com a inserção, o que não ocorreu.

⁸ Segundo os entendimentos do pesquisador José Marques de Melo, transcritos por Lailton Alves da Costa (2010), Reportagem é um “relato ampliado” de algum acontecimento, com “desdobramentos, antecedentes” e descrições “sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’” envolvidos (p. 55).

⁹ De acordo com Gislene Silva (2005), os valores-notícia orientam “principalmente a seleção primária dos fatos” e interferem “na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (p. 95), permitindo “identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa, e possibilitando percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias” (idem, p. 100).

Já a existência de um conflito entre cultura gospel e cultura secular é notada, sem aprofundamento, no trecho: “Perguntada *se tinha saudades* da época dos Novos Baianos e da *transgressão e rebeldia* que marcaram suas atitudes, *Baby se defende*: “Eu não consigo *dividir aquela época com a época de hoje*” (ORTIZ, 2012). Ao longo da reportagem, as narrativas de Baby do Brasil foram relacionadas ao humor da cantora, que foi notado em suas falas, como em: “*Baby brincou* com o público ao dizer: ‘Quando eu recebi o convite do Pedro, ele falou: ‘Mãe, você acha que Deus vai deixar você tocar comigo? Então aperte os cintos’” (idem). Entretanto, ainda que a matéria tenha vinculado as narrativas de Baby do Brasil ao humor, mais especificamente a uma brincadeira, e ligado a época de vivência da cantora com o grupo Novos Baianos à transgressão e rebeldia, não foram explorados temas polêmicos na reportagem.

A segunda matéria, também classificada no gênero jornalístico da Reportagem, foi veiculada pelo portal de notícias Gospelmais (imprensa gospel), em um contexto de agendamento midiático – neste caso, participação de Baby do Brasil no programa de TV Fantástico –, guiada pelos valores-notícia Inusitado, Novidade, Religião, Celebridade e Música, sob o título: “Evangélica, Baby do Brasil anuncia show comemorativo de 60 anos com músicas seculares: ‘Deus deu sinal pra entrar na Babilônia’”.

Imagem 3: Trecho de reportagem, assinada por Thiago Chagas, no portal Gospelmais



Jean Wyllys 
@jeanwyllys_real



Baby [Consuelo] do Brasil, seja bem-vinda de volta à "Babilônia"! Queremos você cheia de vida e artista de novo! #Fantástico

Porém, a pastora Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil, demonstrou insatisfação com a notícia, e tratou de postar um texto em sua [página oficial no Facebook](#), comentando indiretamente o fato, e assegurando que não tomará postura parecida: “Alguns assuntos são muito delicados para se comentar, principalmente quando envolvem pessoas que amamos. Aproveitando algumas notícias da mídia, e já respondendo as perguntas que estão me enviando a respeito, existe algo que vocês podem ter certeza sobre mim: Eu jamais voltarei a cantar músicas que não sejam de adoração a Deus. É uma decisão, não apenas profissional, mas espiritual e ministerial”.

Fonte: CHAGAS, 2012.

Nesta reportagem, a existência de um conflito entre a cultura gospel e a cultura secular é um dos destaques da matéria, por conseguinte, seu tema principal e, ainda, o

motivo de uma abordagem em tom de polêmica. Não há descrições sobre as inserções que Baby do Brasil faz de elementos do gospel em palcos seculares, o que se atribui ao fato de que a matéria não foi gerada em razão de um show apresentado, mas por uma entrevista que a cantora concedeu a um programa televisivo. Por outro lado, mesmo que na entrevista na íntegra (ALMEIDA, 2012) seja possível perceber que Baby do Brasil lança mão do humor para tecer suas narrativas, o comico não se faz presente neste texto que, em sua maior parte, dá voz não à cantora, mas à sua filha, Sarah Sheeva, repercutindo a entrevista que foi ao ar no programa de televisão e problematizando a narrativa de Baby do Brasil. A reportagem cita outras personalidades que reagiram (em redes sociais, por exemplo) à entrevista exibida no Fantástico, mas o espaço maior é dado à filha de Baby do Brasil, que é pastora e cantora gospel. Após dois parágrafos inteiros dedicados a declarações de Sarah Sheeva sobre entender, a partir de sua fé, que a música secular não deve fazer parte da vida daquele que é evangélico, o texto jornalístico abre aspas para Baby do Brasil, ao mencionar que a artista “afirmou em sua entrevista ao Fantástico que sua decisão de aceitar o convite do filho para voltar aos palcos com o repertório secular foi tomada com base em orações” (CHAGAS, 2012). Logo em seguida, entretanto, há novamente parágrafo inteiro voltado à posição de Sarah Sheeva, o qual encerra a reportagem:

Em seu texto, a pastora Sheeva ressaltou seu abandono ao secular de forma integral: “Precisamos ser um tipo de crente que, se Deus mandar deixarmos algo, deixamos na hora! Precisamos ser um tipo de crente que ‘põe a mão no arado e não olha mais para trás...’ Porque quem põe a mão no arado e olha para trás (sente saudades do mundo) não é digno de Jesus. Não foi fácil para mim, não foi fácil deixar certas músicas... Mas eu amo Jesus mais. Eu amo Jesus mais do que qualquer prazer deste mundo” (idem).

O que percebemos, a partir dessas duas reportagens, é que, ao não darem conta da costura entre culturas promovida por Baby do Brasil, há uma semelhança entre elas, embora apresentem diferentes enfoques e percepções, assim como ocorre nas demais matérias analisadas, que manifestam uma variedade, por exemplo, de temas principais, como: a personalidade de Baby do Brasil; os aspectos da fé cristã propagada pela cantora; a narrativa tecida pela artista sobre a volta ao repertório de música popular brasileira após mais de uma década concentrada na música gospel; a presença dos elementos da cultura gospel em ambientes seculares; temas polêmicos como drogas e sexualidades; ações inusitadas protagonizadas pela cantora, entre outros.

Nessa mesma composição de matizes, estão as formas pelas quais os veículos de imprensa representaram as narrativas de Baby do Brasil em cada matéria, englobando: atribuições a um proselitismo religioso, ou seja, a um discurso de pregação institucional cristã; legitimações; suspeitas; distorções; ocultações; atribuições ao humor ou à personalidade excêntrica da cantora; apropriação para construção textual ou colocação das narrativas entre aspas, em textos que buscaram aparentar imparcialidade ou distanciamento quanto ao relatado; entre outros modos de representações.

Assim, a despeito da pluralidade de perspectivas, temos que, de modo geral:

a) Na imprensa gospel, a maioria das publicações veiculadas na fase da carreira de Baby do Brasil que chamamos de gospel-secular (a partir da volta da cantora ao repertório de música popular brasileira), evidencia a existência de um conflito entre as duas culturas, e, também a maior parte, aborda o tema com destaque e tom de polêmica. A não indicação de uma representação de conflito nas demais matérias veiculadas nesse período, entretanto, não aponta para uma compreensão do sagrado-profano entrelaçado por Baby do Brasil, pois as publicações se dividem entre as que buscam aparentar uma neutralidade, deixando as falas da artista entre aspas; as que relatam com suspeita as narrativas da cantora; e as que as relacionam à sua personalidade excêntrica ou a um proselitismo religioso. Apenas em uma matéria há a legitimação da narrativa da cantora e, ainda assim, somente a respeito dos dogmas da fé cristã professados por Baby do Brasil.

b) Na imprensa secular, já não há com tanta superioridade a representação da existência de um conflito entre as culturas gospel e secular, porém, considera-se que também não há indicativo de compreensão das mesclas realizadas por Baby do Brasil entre elementos da cultura evangélica e aspectos irreligiosos, pois as matérias publicadas na fase da carreira da artista em que estas misturas se fazem com mais evidência (a partir da turnê Baby Sucessos), em grande parte, buscam ora ocultar as narrativas da cantora, deixando de lado os temas religiosos e colocando a ênfase na produção musical; ora as deixando entre aspas ou somente usando para construção textual; ora as relacionando a um proselitismo evangélico ou à excentricidade da artista; e ora, ainda, as satirizando ou distorcendo. Outro indício do afirmado são os relatos sobre inserções, por parte de Baby do Brasil, de características do gospel em ambientes seculares, pois mesmo que não apontem para a existência de um conflito, entende-se que

revelam um estranhamento, ou, ao menos, sinalizam a presença de elementos distintos e não integrados aos âmbitos da música secular.

As únicas exceções ao quadro geral acima descrito, em 91 publicações, são 4 matérias da imprensa secular. A primeira foi publicada ainda durante a fase gospel da carreira de Baby do Brasil, quando, em apresentação única da cantora em 2006 (em show circunstancial, desvinculado de turnês), combinações no setlist entre músicas religiosas e seculares foram relatadas de maneira harmoniosa, ou seja, sem indicação da existência de um conflito tampouco de uma cisão entre culturas. As demais foram publicadas na fase da carreira da cantora que chamamos de gospel-secular. Em uma reportagem, a imprensa secular legitimou as narrativas de Baby do Brasil, com suas misturas entre aspectos sagrados e profanos. E em duas publicações – as únicas, aliás, do gênero jornalístico da crônica – as narrativas da cantora foram relatadas de modo carnavalesco, ou seja, considera-se que os processos comunicacionais da antropofagia e da carnavalização, identificados na prática de Baby do Brasil, também ocorreram na forma utilizada para representar as narrativas da artista e os cruzamentos feitos entre elementos das culturas gospel e secular, o que podemos exemplificar com o trecho: “Baby cantava tudo [...] como que desafiando um grupo de seletas cantoras de gerações subsequentes que fizeram questão de ir até lá presenciar aquele retorno. Era, esse sim, o verdadeiro Culto das Princesas” (CAMARGO, 2012), no qual há referência ao nome de um encontro evangélico promovido por Sarah Sheeva, justamente a filha que se opôs à volta de Baby do Brasil ao repertório de música secular.

CONSIDERAÇÕES

De tudo quanto exposto, depreendemos que, mesmo nas matérias em que o entrelaçamento entre gospel e secular não foi percebido como problemático, gerador de conflitos, a distância que separa essas duas culturas aparece com predomínio nas representações das imprensas, seja pelo apontamento, de alguma maneira, da existência dessa cisão, seja pelos raros indícios de assimilação do sagrado-profano presente na religiosidade expressa midiaticamente por Baby do Brasil.

O que se destaca, deste modo, na análise das publicações, é a incompreensão do que ocorre e também do que fundamenta o cruzamento entre culturas gospel e secular, como os fatos de que: sagrado e profano não são opostos, mas se complementam

(BOFF, 2000); a música popular brasileira, à qual se integra o repertório da cantora Baby do Brasil na turnê Baby Sucessos, é permeada de expressões de fé e de espiritualidade; e o palco, espaço onde a artista mescla os aspectos irreligiosos aos evangélicos, é em si ambivalente, simultaneamente profano, não religioso, e sagrado, por acolher momentos ritualísticos, nos quais significados podem ser reavivados e é possível experimentar um tempo de transcendência, que se materializa na possibilidade de se romper com o próprio tempo, viver um tempo outro (ELÍADE, 1992).

Longe de um fim, este trabalho aponta, nas construções simbólicas que permeiam a sociedade brasileira, a predominância da divisão, do conflito, da oposição, e, portanto, da polarização entre cultura evangélica e cultura secular – o que revela a necessidade de ainda muitas reflexões sobre o que atravessa, embasa e fomenta esse cenário sociocultural, que, como visto, repercute nos diversos campos da esfera pública.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O Marcos. Baby do Brasil comemora 60 anos e volta aos palcos. **Youtube**, 28 out. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cPGyCgikk_I. Acesso em: 22 de junho de 2018.

ANDRADE, Ana Paula. 'A carne não me vence', diz Baby do Brasil, sem sexo há 13 anos. **Ego Notícias**, 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/04/carne-nao-me-vence-diz-baby-do-brasil-sem-sexo-ha-13-anos.html>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2015.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e manifesto da poesia pau-brasil**. In: TELES, G. M. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª. ed. Brasília: Vozes, 1976. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Disponível em: . Acesso em: 26 de maio de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Baby do. Baby do Brasil – Estúdio MTV (Show Completo). **Youtube**, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCtyBpj0EpA>. Acesso em: 22 de junho de 2018.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito**. São Paulo: Lumensana Publicações Eletrônicas: Sextante, 1992.

CAMARGO, Zeca. Show de Baby do Brasil foi noite histórica, diz Zeca Camargo. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2012/12/1190179-show-de-baby-do-brasil-foi-noite-historica-diz-zeca-camargo.shtml>. Acesso em: 7 de abril de 2014.

CHAGAS, Tiago. Evangélica, Baby do Brasil anuncia show comemorativo de 60 anos com músicas seculares: “Deus deu sinal pra entrar na Babilônia”. **Gospelmais**, 2012b. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/baby-brasil-show-musicas-seculares-deus-sinal-44216.html>. Acesso em: 4 de abril de 2017.

CUNHA, Magali Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

_____. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Famecos**, Porto Alegre-RS, v. 23, n. 1, p. 1-17, mai./ago. 2016.

_____. **Vinho Novo em Odras Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 347. 2004. (Tese).

DA COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalístico. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Metodista, 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978

LOTMAN, Iuri.; USPENSKII, Boris. A. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris; IVANÓV, Viacheslav. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981. Cap. 3, p. 272.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A compreensão como método. In: KÜNSCH, D. A., et al. **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p. 309.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

ORTIZ, Fabíola. Aos 60, Baby do Brasil ressurgiu e afirma: "Estou de volta, totalmente matrix". **Música Uol**, 2012. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/01/aos-60-baby-do-brasil-ressurgiu-e-afirma-estou-de-volta-totalmente-matrix.htm>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

PICHIGUELLI, I. R.. Humor em Baby do Brasil: as narrativas da cantora entre o gospel e o secular. In: **XI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura I Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura Comunicação e Literatura**, 2017, Sorocaba-SP. Anais XI EPECOM. Sorocaba-SP: Eduniso, 2017. p. 1-15.

PICHIGUELLI, I. R.; SILVA, M.C.C. Processos interculturais em Baby do Brasil: caminhos

para compreender o trânsito da cantora entre o gospel e o secular. **Revista Contemporânea**, UFBA, Online, v. 15, p. 900-917, 2017a.

PICHIGUELLI, I. R.; SILVA, M.C.C. . Comunicação, Poesia e o Religare. **Revista Comunicologia**, Brasília-DF, v. 10, p. 3-18, 2017b.

ROCK, Bolívia & Cátia. BANDA GLÓRIA & BABY DO BRASIL - 17/02/2015 - Show Completo - Largo da Batata - São Paulo. **Youtube**, 19 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fGRXGjf26v8>. Acesso em: 22 de junho de 2018.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. João da Filmadora e as narrativas midiáticas. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa-PB, v. 6, n. 11, p. 1-12, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/175566>. Acesso em: 06 de março de 2017.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 15, maio/agosto 2015. Disponível em: www.e-compos.org.br. Acesso em: 18 de novembro de 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.